

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA

“Quando o lar se estiola e a família se desorganiza, a sociedade combale e estertora.” (1)

No início de sua caminhada, nas primeiras eras neste planeta, a humanidade enfrentava severas condições ambientais e climáticas, em que a constante luta pela sobrevivência fazia com que o homem e a mulher, mal saídos da animalidade para os rudimentos do discernimento, se juntassem na busca de abrigo e proteção.

Surgem então, ainda de uma forma tosca, e mesmo incompreendida, os rudimentos do que, mais tarde, chamaríamos de família. Esse núcleo inicialmente formado foi se firmando no decorrer do tempo e épocas houve em que as uniões se realizavam muito frequentemente por interesse material, de terras, de fortunas, de títulos.

Mas esse nosso grande aliado, o tempo, criação divina que nos faculta “n” oportunidades de desenvolvimento intelecto-moral, ferramenta da lei natural de progresso, trouxe-nos aos dias em que a instituição familiar passou a ter sua importância melhor apreciada, sobretudo pelo significado de respeitabilidade e amparo, tanto material quanto afetivo, que fornecia a seus integrantes – fosse de modo sincero e leal, por verdadeiros laços de afeto, ou apenas na preservação das aparências, pois os conceitos daquela época assim o exigiam.

Entretanto, o ser humano, no seu permanente caminhar, atinge os tempos modernos, com seus apelos cada vez mais ousados quanto ao conforto material, ao comodismo, ao bem-estar, onde o cartão de crédito é sua identidade e o volume da conta bancária sua credencial maior. A família ganha então outras configurações em função das novas necessidades, muitas vezes ilusórias.

Já não há tempo para a confraternização diária entre os membros do núcleo; já não há tempo para tranquilas conversas do cotidiano; já não há tempo para participar das pequenas (ou grandes) dificuldades dos filhos, dos pais entre si, dos avós: de um lado, nos abastados, porque o tempo é pouco para se produzir o tanto de ganho monetário que se reverterá nos excessos de todo tipo; de outro, nas classes carentes, porque o tempo é pouco para se conseguir o básico para a manutenção da vida.

Na questão 926 de O Livro dos Espíritos, os Espíritos que elaboraram a Doutrina Espírita com Allan Kardec advertem: “*Os males deste mundo estão na razão direta das necessidades artificiais que criais para vós mesmos*”. E necessidades artificiais, até mesmo abusivas e desumanas, é o que estamos vendo atualmente eleitas como inerentes, quando não indispensáveis, a determinadas posições sociais.

Levantam-se bandeiras de necessidade de liberdade, de auto-afirmação, de direitos – que

mais crescem quanto mais diminuem os deveres – para justificar, na verdade, o recrudescimento do egoísmo, do interesse pessoal, da alienação cada vez maior em relação às leis de reciprocidade e de solidariedade.

O monstro do consumismo, criado pelos sistemas neoliberais de condução de nações transformadas em veículos de fomentação do capital para o capital, vem devorando a razão e o bom-senso das criaturas a ponto de deixá-las inteiramente à sua mercê, dispostas a qualquer ato para consumir, consumir, consumir...

Esse monstro, que nada teme nem a ninguém respeita, gera frustrações de toda ordem, frustrações essas que muitas vezes levam o ser a buscar a satisfação do que julga serem suas necessidades a qualquer preço, a fim de apaziguar seus anseios, geralmente materiais e sensuais.

Segue-se daí uma degradação de valores ético-fraternos assustadora, em que o TER sobrepuja o SER, em que a ganância, tanto de bens quanto de prazeres, torna-se natural, considerada como meio de progresso e ascensão.

E a primeira vítima dessa ordem de coisas vem sendo a família, que se desagrega ostensivamente a níveis inacreditáveis – pais abandonam filhos, mães se desfazem de filhos, filhos rejeitam pais, e outros tantos casos dolorosos de inacreditáveis crueldades de que se tem diariamente notícia; quando não permanecem juntos, porém inteiramente indiferentes uns para com os outros, afogando-se cada um, cada vez mais, em si mesmos...

Mas a lei do progresso é inevitável – cedo ou tarde compreenderemos que não formamos tão somente a família terrena, mas principalmente a família espiritual universal e que “*o lar, mesmo quando assinalado pelas dores decorrentes do aprimorar das arestas dos que o constituem, é forja purificadora onde se devem trabalhar as bases seguras da Humanidade de todos os tempos*”(2).

Doris Madeira Gandres - email: dorisgandres@yahoo.com.br

1) E (2) Espírito Joanna de Ângelis – livro Após a Tempestade – Cap.5